

O IMPACTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A CRIANÇA NO CENÁRIO ESCOLAR

Kátia Batista de Medeiros¹

Márcia Aparecida Amador Mascia²

Resumo: Este trabalho realiza uma análise do discurso de uma menina vítima de violência inserida em rede de proteção da cidade de São José dos Campos – SP e sua capacidade de resistência mediante o fenômeno. Parte dos pressupostos teóricos da análise de discurso de linha francesa e de Winnicott. Os resultados apontam a importância de se estudar o fenômeno no contexto escolar, e dar voz à infância.

Vivemos em um mundo onde a violência se apresenta como um fenômeno que atinge diversas faixas etárias, níveis sociais e econômicos. Destaca-se aqui a violência doméstica contra crianças. É possível a esses sujeitos resistirem às situações de vulnerabilidade que a violência lhes apresenta? Como isso se dá? Essas são perguntas que norteiam o presente artigo, que tem como cenário o papel da escola como um espaço protetivo para o rompimento do silêncio em um círculo de violência vivenciado por esses sujeitos. Responsável pela educação e formação global, é ela quem assiste a uma realidade de violência contra seus alunos dentro e fora de suas paredes. Este artigo faz parte de minha pesquisa de doutorado defendida no Programa de Educação da Universidade São Francisco em 2018 na linha Educação, Linguagens e Processos Interativos, orientada pela Profa. Dra. Márcia Aparecida Amador Mascia. Partindo-se do pressuposto de que a Educação pode favorecer o desenvolvimento infantil, é feito um chamamento pela rede de proteção e garantias, de maneira que a instituição perceba, denuncie e notifique a violência perpetrada a esses sujeitos. A metodologia de pesquisa foi a Análise do Discurso (A.D.) de linha francesa (PÊCHEUX, 1997), na convergência da teoria winnicottiana (WINNICOTT, 2005) acerca do desenvolvimento do sujeito em situação de privação. O *corpus* de análise se constituiu em um relato de uma criança inserida em um Programa de Proteção às vítimas de violência doméstica, na cidade de São José dos Campos – SP.

A análise do discurso como ferramenta de análise

A Análise do Discurso, área importante do conhecimento nos possibilita analisar como o sujeito em suas diferentes categorias elabora sua condição, sua posição-sujeito.

O único a produzir linguagem, ele não terá na palavra algo neutro, pelo contrário, ela será objeto de análise, pois traz em seu bojo o discurso, também atravessado por essas instâncias.

A Análise do Discurso – A.D., tem diversificado sua área de estudo com abordagens a partir das Ciências Humanas, como Educação, História, Psicologia, Medicina, Artes e Sociologia. Além disso, ela é empreendida no momento de convergência do linguístico com o social. Nessa ação, há o apontamento de marcas linguísticas como um produto histórico-social, principalmente com base nas condições de produção (MASCIA, 2002). Ela busca a compreensão de como um objeto simbólico pode produzir sentidos e com “significância para e por sujeitos”. Ainda, como se dá a interpretação que relacionam tanto sujeito quanto sentido (ORLANDI, 2012, p. 26).

¹ Universidade Braz Cubas e Faculdade Anhanguera. E-mail: medeiroskb@ig.com.br.

² Universidade São Francisco. E-mail: marciaaam@uol.com.br.

A noção de Formação Discursiva (F.D.) se dá a partir da compreensão do processo de produção dos sentidos, da sua relação com a ideologia, além de possibilitar ao analista o estabelecimento de regularidades no funcionamento do discurso, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio histórica que determinará o que se pode e se deve ser dito. Também Mascia (2002) realça que a F.D. deve ser vista como atrelada ao discurso.

Para dar consistência à análise, faz necessário o apontamento de alguns números de casos de violência.

Alguns números da violência

Em 2016, a Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos realizou 355.030 atendimentos, sendo que 133.061 (37,4%) referem-se ao registro de denúncias de violações de direitos humanos. A tabela a seguir traz um panorama geral das notificações.

Grupo	2015	2016	%
Criança e Adolescente	80437	76171	-5,30%
Pessoa Idosa	32238	32632	1,22%
Pessoa com Deficiência	9656	9011	-6,68%
Privação/Restrição de Liberdade	3565	3861	8,30%
LGBT	1983	1876	-5,40%
Igualdade Racial	1064	1326	24,62%
População de Rua	682	937	37,39%
Outras Violações	7892	7247	-28,61%
Total	137517	133061	-4,41%

TABELA 1. Comparativo anual por módulo – Fonte: (MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS, 2017, p. 8)

Em um comparativo anual, as denúncias em relação à criança e ao adolescente diminuíram entre 2015 e 2016, em um percentual de -5,30%, ainda que o número seja de certa maneira alarmante (76.171 casos). Uma das razões para a diminuição das denúncias pode ser atribuída às campanhas realizadas pelos governos federal e municipal em 2015 e 2016.

Esses números nos permitem ter uma noção da realidade brasileira da infância.

Diante disso, é apontada e descrito olhar da psicanálise para a criança.

A psicanálise e o olhar para a criança

A teoria de Donald Winnicott, pediatra e psicanalista infantil, era voltada para os processos de maturação, em especial àqueles indicados à constituição do self (si mesmo) e da relação com o outro. As patologias psicóticas e a delinquência foram objetos de seu estudo aprofundado sobre crianças, adolescentes e seus pais.

Considerada uma das capacidades mais importantes do amadurecimento do emocional, a capacidade do sujeito para estar só é destacada por Winnicott, atrelando-a aos momentos de silêncio que o sujeito pode apresentar, por exemplo, em uma sessão de psicanálise. Ele aponta que ainda que a literatura psicanalítica tenha descrito o estado de reclusão, onde a organização defensiva significa a possível expectativa de perseguição, pouco foram descritos o *medo* de ficar só ou o *desejo* de ficar só, em especial a *capacidade* de fazê-los. O psicanalista defende

os aspectos positivos da capacidade de ficar só, porque o sujeito pode encontrar-se num confinamento solitário e ainda assim não ser capaz de ficar só. “(...) muitas pessoas se tornam capazes de apreciar a solidão antes de sair da infância, e podem mesmo valorizar a solidão como a sua possessão mais preciosa” (WINNICOTT, 1983, p. 32, grifo do autor).

A psicanálise nos ajuda a considerar as situações de uma criança, em especial em situação de vulnerabilidade. Vale lembrar que outra instituição foi pensada para atender esse sujeito em desenvolvimento – a escola.

A escola como espaço de proteção

Aos sujeitos que tinham condições econômicas e sociais privilegiadas, foi desenvolvida a escola – para que deles cuidassem, lhes ensinassem as letras e a religião, para que eles tivessem chances de um futuro promissor e abençoado.

Em compensação, para aqueles que não dispunham das mesmas condições, a Igreja e o Estado, com sua “mão forte” criaram mecanismos de acolhimento, ajuste, controle e tutela.

Criam-se então, instituições destinadas à higienização social, controle, punição aos delinquentes, recolhimento, julgamento, como FEBEM, por exemplo. Algumas, com o discurso educacional, fizeram e fazem o justamente o contrário.

Apropriar-se da história nos permite visualizar como crianças e adolescentes foram, ao longo do tempo, envolvidos em relações de negação de existência, de agressões e maus tratos por diversas instituições sociais.

Contudo, as transformações sociais, culturais e históricas, fizeram com que se desenvolvesse o desejo de alguns sujeitos de favorecer a construção discursiva dos sujeitos de direito, o que acarretou a exigência e a mobilização de diferentes segmentos da sociedade pública e civil. Dessa forma, a escola do século XX e XXI descobrem, analisam e notificam vários casos de violência. Tornou-se parte importante da rede de proteção à infância.

A construção do *Corpus* de análise

O *corpus* consistiu em atendimentos pela pesquisadora na função de psicopedagoga, conforme gravação de áudio pela pesquisadora na rede Municipal de Educação e do Desenvolvimento Social da cidade de São José dos Campos – SP.

O sujeito da pesquisa encontra-se na rede de proteção desenvolvida basicamente pelo CREAS – Aquarela – Leste. Os que foram vítimas de violência sexual cumprem um protocolo estabelecido pelo Ministério da Saúde. Os demais casos de violência são atendidos pelo CREAS e são verificadas outras demandas e necessidades de atendimentos, contemplados ou não pelo centro.

O caso selecionado para este estudo foi de Ana (8 anos), que teve o nome trocado nesse trabalho, a fim de preservar sua identidade. Morava com a mãe, o irmão mais velho e o padrasto. Foi vítima de violência sexual perpetrada pelo padrasto. Sua mãe tinha conhecimento do fato, mas manteve-se silenciada por ameaça do padrasto. Contudo, o irmão fez a denúncia para a polícia. Ana realizou exame de corpo de delito, e foi detectado que houve o estupro. Ana realizou exames e, felizmente, não contraiu HIV. A escola encaminhou um relatório sobre as dificuldades de aprendizagem de Ana.

Após a denúncia e apuração dos fatos, a menina foi encaminhada ao CREAS. Seguem trechos significativos de seus depoimentos.

Pesquisadora: - Fale um pouco da sua vida lá na escola. Como é seu dia-a-dia e as coisas que você faz?

Ana: Ah, é muito legal, eu gosto.... é meio chatinho!

Pesquisadora O que é meio chatinho?

Ana: Estudar e escrever.

Pesquisadora: Estudar e escrever? Por que você acha chatinho?

Ana: Porque a gente... a minha professora quer que a gente pinte forte, escreve maior forte.

Pesquisadora: A escola é importante para a sua vida?

Ana: Eu acho que sim. A gente tem que aprender muitas coisas, aí pra gente não ficar meio desatento, e aí a gente estuda. É que eu gosto de estudar, mas mais ou menos... (e sussurra) EU ODEIO ESTUDAR, (peço que repita) EU ODEIO ESTUDAR. Eu não gosto!

Pesquisadora: Por quê?

Ana: Porque a gente tem que ler. E eu não sei ler. A gente tem que escrever. Mas eu não sei escrever.

Pesquisadora: Se você soubesse você não odiava?

Ana: Não. Meu único problema lá na escola é esse: ler e escrever.

Pesquisadora: Quando você crescer, o que quer fazer?

Ana: Quando eu crescer quero ser médica.

Pesquisadora: Médica? Por quê?

Ana: Porque a gente tem que ajudar os moço [sic]. Aí quando a gente chegar lá, e a papelada?

Pesquisadora: É... médico escreve bastante, não é?

Ana: É a gente tem que pegar o lápis e? (Pega uma folha fazendo de conta que está escrevendo algo) e escrever lá o que que a gente tem que consultar, e depois o que tem que consultar... eu gosto disso, mas o importante é que eu quero ler, e escrever. Todo mundo manda eu ler... mas eu leio tudo errado.

Pesquisadora: Você quer ser médica de criança, de adulto, ou o quê?

Ana: Quero ser de criança e adulto, porque é... que eles são legais. A gente dá injeção. A gente dá insulina pra eles. Dá remedinho, cuida deles no hospital. Ai por isso que eu gosto. Eu gosto de ajudar os outros. Eu falei pra minha tia comprar uma roupa de uniforme pra mim. Porque quando alguém ficar doente eu já tenho o uniforme. Hoje eu já tenho uma Barbie de médica.

Reimer (2014) destaca que sujeitos vítimas de violência podem apresentar, como efeitos, atraso de desenvolvimento, dificuldades de aprendizagem, fracasso escolar e redução das possibilidades para futuro sucesso profissional. Além disso, baixa autoestima também pode ser um dano significativo na vida dessas pessoas.

Ana compreende que essas ações são requisitos necessários para fazer parte do sistema escolar. A escola é importante para ela, assim com as ações de ler e escrever. Por isso, o sentimento de fracasso se apresenta em sua fala. Winnicott (1984) ressalta que a perturbação é uma característica conflitante pela qual a criança passa.

Considerações

Os resultados da análise do corpus mostram que a tal tema intervém, de forma direta e indiretamente, no estabelecimento das relações sociais, produzindo sentidos diversos, capazes de fortalecer e manter as relações violentas em diversos âmbitos sociais, familiares e educacionais no presente e no futuro. O estudo, análise e discussão sobre o tema na área de educação, tanto na formação inicial quanto continuada, podem ser pensadas como ações de prevenção contra esse fenômeno.

Ainda que Ana tenha sido vítima de violência, consegue resistir brincando, fantasiando, tendo esperanças de que a brincadeira pode lhe trazer um acalanto para sua mente, em um corpo que foi ferido pelo mundo adulto.

Para poder ser uma instituição protetora e fazer parte da rede de proteção, é necessário que seus membros, assim como a sociedade como um todo, conheçam as diferentes categorias da violência. A violência não é um fenômeno novo, pensado a partir de seu enfrentamento, onde entram em cena a prevenção e o cuidado. Curioso perceber aonde a violência doméstica mais acontece: na casa das vítimas, por seus parentes mais próximos. Portanto, torna-se uma dificuldade para esses sujeitos terem os tão desejados lar e família suficientemente bons.

A partir desta pesquisa, muitas outras questões podem surgir, pois é um assunto amplo, complexo e novo do ponto de vista da discussão em educação. Isso porque, como Dolto (2005, p. 93) ressalta: “O que não é dito, expresso não pode ser conhecido pelo seu “observador”, mas o que se passa com o “observado”, indizível e sem referência para o observador, é justamente o mais importante no encontro”.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. *Violência Intrafamiliar: orientações para prática em serviço*. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. 96 p. (Série Cadernos de Atenção Básica; n. 8)

_____. Ministério dos Direitos Humanos. Departamento de Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos. *Balanco das denúncias de violações de direitos humanos 2016*. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/disque100/balancos-e-denuncias/balanco-disque-100-2016-apresentacao-completa/>>. Acesso em: 08/05/2017.

DOLTO, Françoise. *A causa das crianças*. Tradução Ivo Storniolo e Yvone Maria C. T. da Silva. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2005.

MASCIA, Márcia. Rio a cidade maravilhosa e o lixão e Gramacho: discursos de exclusão e resistência na voz de Estamira. In: Coracini, M. J. (Org.). *Identidades Silenciadas e (In) visíveis: entre a inclusão e a exclusão*. Pontes, 2011.

_____. *Investigações Discursivas na Pós-modernidade: (uma análise das relações de poder-saber do discurso educacional político educacional de língua estrangeira)* Campinas, SP. [Mercado de Letras, São Paulo: Fapesp: 2002.](#)

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso – (Re)ler Michel Pêcheux Hoje*. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 10. Edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

_____. *As formas do silêncio – No movimento dos sentidos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

REIMER, Cristiane Regina. Da negligência à resiliência: fundamentos e estratégias para a prevenção. In: SANTOS, Jurandir. *Crianças e adolescentes em foco: dialogando com profissionais e cuidadores*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2014.

WINNICOTT, Donald. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____. *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1984.

_____. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990.

_____. *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

_____. *O brincar e a realidade*. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. – Rio de Janeiro: Imago Ed., 1975.

_____. *Tudo começa em casa*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.